

# IRÃ SOB PRESSÃO: VOZES DE OPOSIÇÃO E DISSIDENTES ENFRENTAM A TEOCRACIA

Por Giuseppe Gagliano\*



*Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

*O Irã enfrenta uma oposição fragmentada que desafia o regime teocrático; a dissidência ganha apoio internacional, e ao mesmo tempo em que aumentam as tensões geopolíticas, o futuro do país é incerto.*

À sombra do regime dos mulás, o Irã fervilha de forças de protesto, correntes díspares que, apesar de sua fragmentação, desafiam a ordem teocrática de Ali Khamenei. Esses movimentos, sejam eles seculares, islâmicos, étnicos ou monarquistas, formam um caleidoscópio de oposição onde as esperanças de democracia e os riscos de escalada se misturam.

Em 1º de julho de 2023, em Auvers-sur-Oise, perto de Paris, a “Cúpula Mundial do Irã Livre” reuniu figuras políticas internacionais, de Mike Pence a Joe Lieberman, para apoiar a mudança de regime. No centro deste evento, Maryam Rajavi, líder do Conselho Nacional de Resistência do Irã (CNRI) e da Organização dos Mujahedin do Povo Iraniano (MEK, *Mujahedin-e Khalq*), representa uma oposição que está ganhando influência, mas que também despertou a ira de Teerã. Em um estilo narrativo e crítico, à maneira de Fulvio Scaglione, exploramos essas vozes dissidentes, suas ambições e os perigos que enfrentam em um Irã à beira do precipício.

## UM MOSAICO DE OPOSIÇÕES: A REBELIÃO INTERIOR

O Irã, por trás da fachada monolítica do regime, é um país fragmentado por correntes de oposição tão diversas quanto determinadas. O Movimento Verde, nascido dos protestos de 2009 contra a fraude eleitoral, continua a inspirar aspirações democráticas, especialmente entre os jovens. No Baluchistão, o Jundallah, um grupo rebelde, está travando uma luta armada contra o governo central, enquanto os curdos em suas regiões montanhosas continuam sua busca por autonomia. Azeris, monarquistas nostálgicos do Xá, o Partido Comunista dos Trabalhadores e vários grupos seculares e islâmicos formam um quadro heterogêneo, muitas vezes desunido, onde cada facção luta por seus próprios ideais. No entanto, um ator domina esse cenário: a Mujahedin-e Khalq (MEK), ou Organização dos Mujahedin do Povo do Irã, considerada por muitos a força de oposição mais estruturada e influente.

Fundado na década de 1960 com uma ideologia que misturava islamismo e marxismo, a MEK evoluiu desde suas origens controversas. Antes vista como um grupo militante pelo Ocidente, ela se reposicionou como um movimento que defende a democracia secular, sob a liderança de Maryam Rajavi. Essa transformação, embora vista com desconfiança, atraiu crescente apoio internacional, como evidenciado pela cúpula de Auvers-sur-Oise.

## UMA CÚPULA PELA LIBERDADE: O ECO INTERNACIONAL

Em 1º de julho de 2023, a “Cúpula Global por um Irã Livre” em Auvers-sur-Oise marcou um ponto de virada. Figuras proeminentes como o ex-vice-presidente dos EUA, Mike Pence, o ex-conselheiro de Segurança Nacional, John Bolton, e Joe Lieberman, arquiteto do Departamento de Segurança Interna, falaram no evento. Figuras britânicas, como Liam Fox e John Bercow, e canadenses, como Stephen Harper, juntaram-se a esse movimento bipartidário, misturando conservadores e progressistas em um raro consenso: o regime iraniano é uma ameaça, e sua derrubada está se tornando uma prioridade. Esta reunião, longe de ser insignificante, reflete uma crescente convergência das elites ocidentais em torno da oposição iraniana, em particular o MEK.

Rajavi, descendente da dinastia Qajar que governou até 1925, foi a figura central da cúpula. Em seu discurso, ela chamou a derrubada do regime de “inevitável”, denunciando a misoginia dos mulás e os sacrifícios das mulheres iranianas, a espinha dorsal da MEK. Sua mensagem, combinando fervor religioso e um apelo pela separação entre mesquita e estado, repercutiu entre o público internacional. Pence, que se encontrou com Rajavi na Albânia em 2022, afirmou que “*nenhum regime opressor pode durar para sempre*”, enquanto Bolton, alvo declarado de Teerã, denunciou as operações de guerra híbrida do regime, incluindo tentativas de assassinato contra autoridades americanas. Sua previsão – “*Daqui a um ano, estaremos em Teerã*” – reflete uma ousadia que, embora retórica, sublinha a urgência sentida pela oposição.

## JOGOS GEOPOLÍTICOS: UM REGIME SOB TENSÃO

O regime iraniano, enfrentando pressões internas e externas, está jogando um jogo complexo. A invasão russa da Ucrânia em 2022 perturbou os cálculos de Teerã, que esperava um aumento na demanda europeia por seus hidrocarbonetos. Essa oportunidade perdida levou o regime a intensificar seu programa nuclear, usando o enriquecimento de urânio como alavanca nas negociações com o Ocidente, particularmente com Paris e Washington. Ao mesmo tempo, o Irã está fortalecendo seus laços com Rússia, China e Cuba, formando uma aliança de “duplo uso” que preocupa as chancelarias ocidentais. Essa convergência, aliada à redistribuição de poder em Moscou entre os serviços secretos, o Exército e os oligarcas da energia, amplifica a ameaça global representada por Teerã.

A cúpula de Auvers-sur-Oise revelou um alinhamento bipartidário nos Estados Unidos, onde democratas e republicanos, como Lindsey Graham, Bob Menendez e Richard Blumenthal, concordam com a necessidade de combater o Irã. Um projeto de lei exige que a Inteligência Nacional alerte o Congresso se o Irã exceder o limite de enriquecimento de urânio de 60%, nível já ultrapassado de acordo com a AIEA. Essa crescente desconfiança nas negociações com Teerã, ilustrada pela oposição ao acordo negociado em Omã, reflete um endurecimento da posição americana, em linha com as preocupações de Israel, que vê o Irã como ameaça existencial.

## O PASDARAN: A ESPADA DO REGIME

Diante dessa crescente oposição, o regime está confiando no Pasdaran, o Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC, *Islamic Revolution Guard Corp*), verdadeiro pilar de sua sobrevivência. Designada como organização terrorista pelos Estados Unidos em 2019 pelo seu papel no financiamento e promoção do terrorismo patrocinado pelo Estado, o IRGC opera como uma força híbrida, combinando operações militares, inteligência e influência econômica. Sua presença, inclusive na Europa e na Itália, onde são suspeitos de atividades clandestinas, os torna uma ameaça global. Sua estrutura, semelhante à dos serviços especiais russos, permite que eles orquestram campanhas de desinformação, sabotagem e ataques para combater dissidentes, particularmente a MEK.

O regime iraniano tentou desacreditar a MEK, principalmente durante a visita de Rajavi a Roma, onde ela foi convidada pela Fundação Luigi Einaudi. Esta campanha de desinformação visa manter a imagem de um movimento radical, obscurecendo sua evolução em direção a um projeto democrático. No entanto, a MEK, sob a liderança de Rajavi, defende uma separação clara entre religião e política, uma visão que é cada vez mais atraente no Ocidente, mas expõe seus membros a riscos crescentes, incluindo ataques orquestrados pelo Pasdaran.

## FUTURO INCERTO: ENTRE A ESPERANÇA E A AMEAÇA

O apoio internacional à MEK, simbolizado pela cúpula de Auvers-sur-Oise, marca um ponto de virada. A influência de Maryam Rajavi, uma mulher muçulmana que defende a democracia liberal, está crescendo à medida em que o regime enfraquece diante das pressões econômicas e sociais. Mas essa dinâmica não é

isenta de perigos. O endurecimento da posição ocidental, liderado por figuras como Mike Pompeo e Liz Truss, que denunciaram qualquer novo acordo nuclear como uma “*calamidade*”, pode provocar uma escalada. O regime, encurralado, corre o risco de responder com uma intensificação do terrorismo, por meio do Pasdaran, ou com uma postura ainda mais agressiva no cenário regional.

Neste jogo de sombras, o Irã se encontra em uma encruzilhada. Os movimentos de oposição, embora fragmentados, representam uma esperança de mudança, carregada por figuras como Rajavi e apoiada por uma improvável coalizão internacional. Mas o regime, forte em seu Pasdaran e em suas alianças com poderes autoritários, não cederá sem lutar. Entre a ameaça de um conflito regional e a aspiração por uma república democrática, o futuro do Irã permanece suspenso, como um equilibrista, em um Oriente Médio onde cada passo pode mudar a situação.

Publicado no [Le Diplomate.Media](#).

---

*\*Giuseppe Gagliano é presidente do Centro Studi Strategici Carlo de Cristoforis, em Como, Itália. É membro do comitê internacional de assessores científicos do Centre Français de Recherche sur le Renseignement (Cf2R).*

---